Feminilidade de fronteira: a performance feminina como tecnologia de governo

Ana Kelli Fonseca
Doutoranda em Comunicação e Cultura

Contexto

01 A ascensão do neoconservadorismo e do populismo pastoral no Brasil.

02 A racionalidade neoliberal junto com a Teologia da Prosperidade espiritualizam a vida pública e exigem novas linguagens de liderança política.

Cenário

Nesse cenário, a performance feminina opera como tecnologia de governo e dispositivo afetivo-simbólico, tensionada entre dois polos.

- Extraordinariedade: autoridade espiritual, discernimento do “mundo invisível” e firmeza moral.
- Ordinariedade: maternidade, vulnerabilidade, domesticidade e estética do recato.



O presente trabalho propõe-se a analisar como a feminilidade de fronteira, ao articular extraordinariedade e ordinariedade, suaviza e legitima projetos políticos neoconservadores no Brasil.



Pedagogia do corpo

- Pedagogia de gênero neopentecostal (IURD / Jacqueline Teixeira)
- Diálogo com o movimento TradWife
- Estética do recato e domesticidade

Reconfiguração do lar

Submissão mútua e empreendedorismo feminino como extensões do dever familiar

- A “submissão mútua” reorganiza o lar sem romper com a ordem patriarcal.
- O empreendedorismo feminino é lido como extensão do dever familiar.
- O dever familiar permanece como horizonte moral da ação feminina.

Rainha Ester

01 Paradigma da mediação política feminina

02 A figura bíblica de Ester, que intercede junto ao rei em favor do seu povo, serve de modelo para a mulher que atua politicamente como mediadora.

03 A mediação combina a extraordinariedade da autoridade espiritual com a ordinariedade da vulnerabilidade e do recato.

04 Assim, a liderança feminina projeta cuidado e proteção, e não confronto, sobre a ação política.

Impactos na esfera pública e na democracia

01 Da política institucional à “salvação moral”

02 Direitos Humanos e a “família natural”

03 Liderança feminina e neoconservadorismo

Salvação moral:

Substituição do debate político institucional pela gramática da “salvação moral” e da “batalha espiritual”.

- A divergência política deixa de ser conflito entre projetos e passa a ser lida como combate entre o bem e o mal.
- Nessa gramática, a liderança feminina aparece como voz de discernimento espiritual, capaz de nomear o que seria ameaça moral à nação e à família.
- Questões públicas passam a ser enunciadas em termos de salvação e batalha espiritual, o que desloca o foco das instituições e dos argumentos para a firmeza moral dos sujeitos.

Direitos Humanos:

Disputa pela gramática dos Direitos Humanos, voltada à proteção da “família natural”.

- Os Direitos Humanos são reinterpretados a partir da defesa da “família natural”, que passa a ser o sujeito central de proteção.
- A linguagem de direitos é mobilizada por lideranças neoconservadoras, inclusive femininas, para dar legitimidade moral a esse projeto.

Liderança feminina:

Papel de suavizar e legitimar projetos políticos neoconservadores.

- A feminilidade de fronteira combina autoridade espiritual e recato, o que torna a liderança feminina mais acolhedora e menos ameaçadora aos olhos do público.

- Ao suavizar o tom, essa performance legitima projetos neoconservadores e amplia seu alcance afetivo na esfera pública, sem abandonar a tensão entre o extraordinário e o ordinário.

Referências bibliográficas

Campoi, I. C., & Marques, I. A. da C. (2020). Eva Perón e o populismo argentino: Apropriações e interpretações. Revista Em Perspectiva, 6(2), 25–42.
Dardot, P., & Laval, C. (2016). A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Boitempo.

Donise, A. (2020). Critica della ragione empatica. Il Mulino.

Fonseca, A. K. (2026). Pastor ou político? Neoliberalismo, populismo pastoral e disputas comunicacionais no Brasil contemporâneo [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Foucault, M. (1979). Segurança, território, população. Martins Fontes.

Gabatz, C. (2018). Idiossincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas Igrejas Neopentecostais? Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, 10(1), 183–198. https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.001.AO01

Habermas, J. (2023). Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa. Editora Unesp.

Han, B.-C. (2023). Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Ayiné.

Laclau, E. (2013). A razão populista (C. E. M. de Moura, Trad.). Três Estrelas.

Mariano, R. (1996). Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. Novos Estudos CEBRAP, (44), 24–40.

Melo, C. T. V. de, & Vaz, P. R. G. (2025). Se Deus é por nós, quem será contra nós? Política e fé no meio evangélico [Apresentação de trabalho]. 34° Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Moffitt, B. (2016). The global rise of populism: Performance, political style, and representation. Stanford University Press.

Nguyen, C. T. (2020). Echo chambers and epistemic bubbles. Episteme, 17(2), 141–161. https://doi.org/10.1017/epi.2018.32

Pereira, E. (2023). Teologia do domínio: Uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. Projeto História, 76, 147–173.

Rini, R. (2017). Fake news and partisan epistemology. Kennedy Institute of Ethics Journal, 27(2), E43–E64. https://doi.org/10.1353/ken.2017.0018

Spyer, J. (2020). Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam. Geração Editorial.

Teixeira, J. M. (2021). A mulher universal: Corpo, gênero e pedagogia da prosperidade (2ª ed.). FEUSP. https://doi.org/10.11606/9786587047140

Teixeira, J. M., & Barbosa, O. A. (2022). A mulher e a família: Agendas pentecostais na disputa pela gramática dos Direitos Humanos. [Syn]thesis, 15(1), 89–105. https://doi.org/10.12957/synthesis.2022.69311

Teixeira, J. M., & Reis, L. (2023). Mulheres evangélicas para além do voto: Notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano. Debates do NER, (43), 11–64. https://doi.org/10.22456/1982-8136.130730

UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

ECO

Obrigada

Ana Kelli Fonseca
Doutoranda em Comunicação e Cultura | ECO - UFRJ